



LISBON
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT
UNIVERSIDADE DE LISBOA

SÍNTESE DE CONJUNTURA

Julho 2020

SUMÁRIO

Segundo a estimativa rápida preliminar do INE, no segundo trimestre, o período de maiores restrições de atividade impostas pelo combate à pandemia Covid-19, o PIB português caiu 16,5% em termos homólogos e 14,1% em relação ao trimestre anterior. O decréscimo homólogo na primeira metade do ano situou-se em 9,4%. Na Área Euro a variação homóloga trimestral foi de -15%, com -11,7% na Alemanha, -22,1% em Espanha, -19,0% em França e -17,3% em Itália.

*Em julho, os indicadores de clima e confiança empresariais caracterizaram-se, na generalidade da Área Euro e em Portugal, por novas subidas, afastando-se mais dos mínimos de abril ou maio. As melhorias são maiores nos setores da construção e da indústria e menores no comércio a retalho e, sobretudo, nos serviços. O indicador de **confiança dos consumidores** desceu marginalmente na Área Euro e, de forma ligeira, em Portugal. Em geral, a recuperação da confiança dos consumidores está a ser comparativamente mais lenta.*

Para 2020, dado o resultado da primeira metade do ano e a progressiva retoma da maioria das atividades depois das maiores restrições de abril e maio, estima-se como mais provável que a variação final do PIB se venha a situar entre -10% a -8%. Este resultado pressupõe que a crise sanitária não irá evoluir de forma substancialmente mais negativa até ao final do corrente ano.

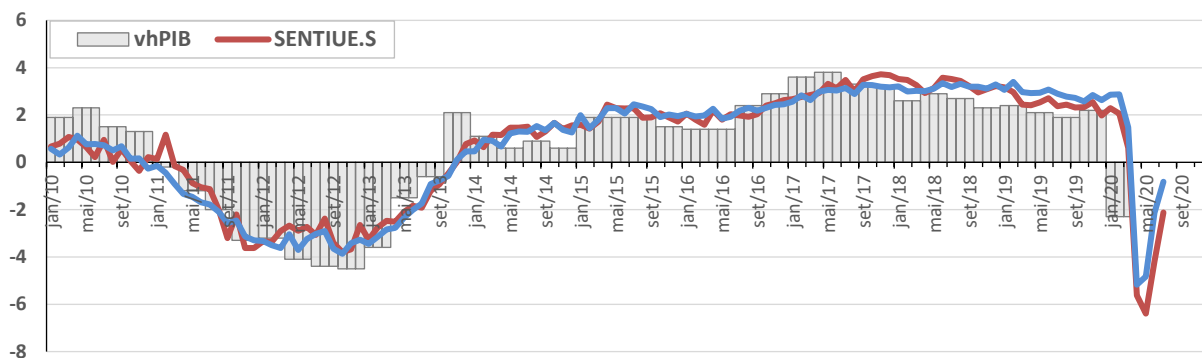
1. CONFIANÇA E CLIMA ECONÓMICO - INQUÉRITOS DE CONJUNTURA EM JULHO

Em **julho**, o indicador do Sentimento Económico (EUROSTAT, SENTIUE.S, no gráfico 1¹) e o indicador de Clima Económico (INE, ICLIMA.S) em Portugal voltaram a subir para valores menos negativos afastando-se dos mínimos de abril ou maio². O indicador do INE (ICLIMA.S), que não inclui a confiança dos consumidores, é o menos negativo, refletindo a maior retoma de confiança das empresas.

Por **setores de atividade** (EUROSTAT, valores corrigidos de sazonalidade), os **indicadores de confiança**, depois de terem atingido mínimos em abril ou maio, subiram, em junho e julho, em todos os setores, tendo recuperado mais na construção e indústria e menos no comércio a retalho e no setor dos serviços.

O indicador de confiança dos **consumidores**, que depois dos mínimos de abril recuperou em maio e junho, desceu ligeiramente em julho. Este indicador, com a exceção do setor dos serviços, tem recuperado menos do que os indicadores empresariais.

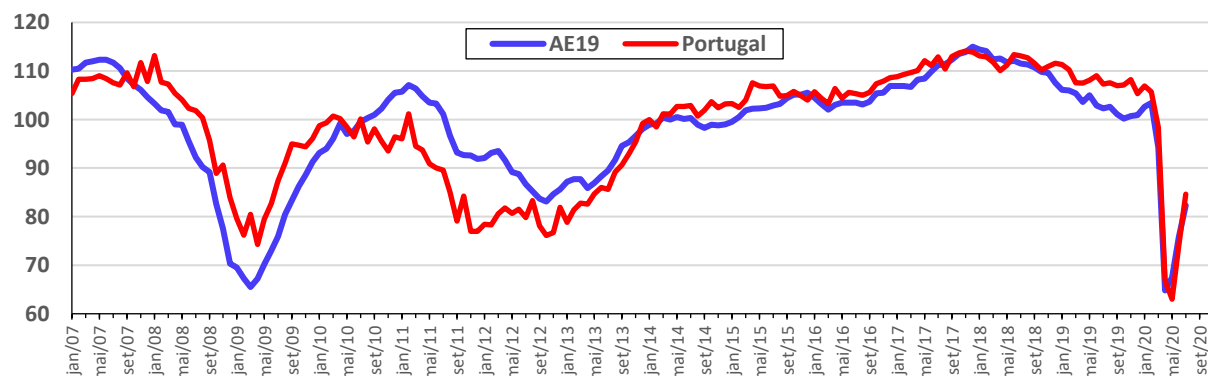
Gráfico 1| Indicadores de Clima Económico (ICLIMA.S) e Sentimento Económico (SENTIUE.S) e variações homólogas do PIB (vhPIB)



No conjunto da Área EURO (EA19), o indicador de Sentimento Económico voltou a subir em julho, um pouco menos pronunciadamente do que em Portugal (gráfico 2).

O **indicador de confiança dos consumidores**, depois de subidas nos dois meses anteriores, decresceu ligeiramente em julho na EA19. Decresceu na Itália, estabilizou em Espanha e subiu ligeiramente na Alemanha e em França.

Gráfico 2 | Indicadores de Sentimento Económico na AE19 e em Portugal (EUROSTAT; 2007-2020)



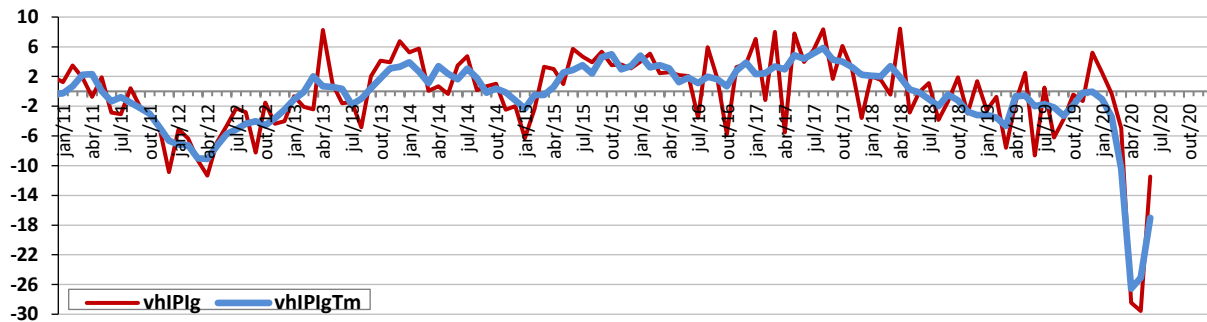
¹ No gráfico 1 os valores originais dos indicadores de Clima e Sentimento Económico foram ajustados à média e desvio padrão de vhPIB, no período abrangido.

² Usa-se o indicador de clima mensal do INE e não o trimestral móvel. A diferença entre os indicadores do INE e do Eurostat reside apenas na incorporação de informação relativa aos consumidores (Eurostat) e em questões técnicas de tratamento de dados.

2. PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Em **junho**, o Índice de Produção Industrial (IPI) registou uma variação homóloga de -11,5% (-29,6% em maio, valores brutos, série vhiPIg no gráfico 3). A variação na indústria transformadora foi de -12,0% (-32,4% em maio).

Gráfico 3 | Variação homóloga da produção industrial

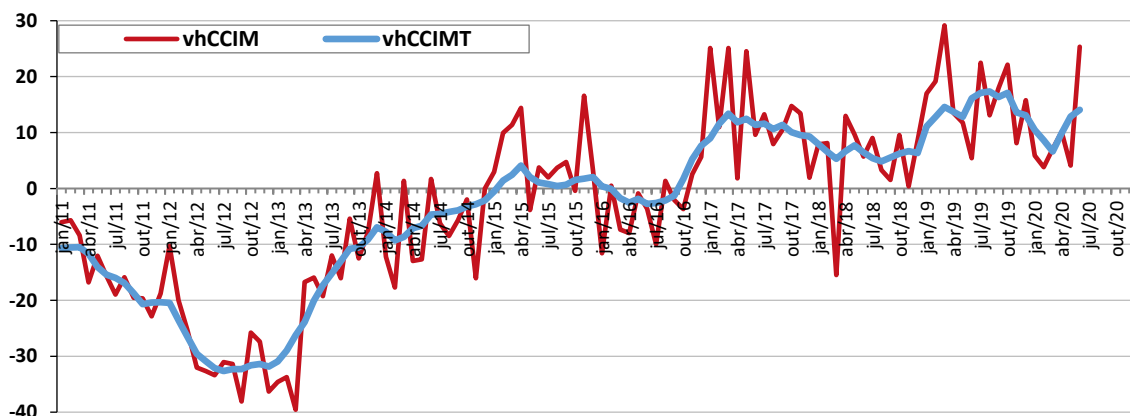


Em **junho**, os resultados dos inquéritos de conjuntura à indústria transformadora (ICIT), dados qualitativos, continuaram a melhorar: o indicador de confiança da indústria transformadora subiu mais 10 pontos (subida acumulada de 24 desde maio), a avaliação da produção realizada nos últimos 3 meses subiu 16 pontos, as expectativas de produção para os próximos 3 meses mostram um saldo de respostas extremas positivo, 16,2 (vcs, INE, inquéritos de conjuntura).

3. CONSUMO DE CIMENTO E ACTIVIDADE NA CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Em **junho**, com mais dois dias úteis, a variação homóloga nas vendas de cimento foi de cerca de 25%. No 2º trimestre o crescimento rondou 13% (5,6% no 1º trimestre). Com a correção de efeitos de calendário e de precipitação, as variações homólogas na tendência estimada - vHCCIMT, gráfico 4 - aceleraram no 2º trimestre. Estes resultados são surpreendentes, pouco conformes à situação de crise originada pela epidemia, e em contradição com as respostas dadas nos inquéritos qualitativos de conjuntura ao setor. Entretanto estas, que começaram por ser muito negativas, melhoraram posteriormente, em particular no segmento da engenharia civil em que alguns indicadores estão quase a níveis pré-pandemia.

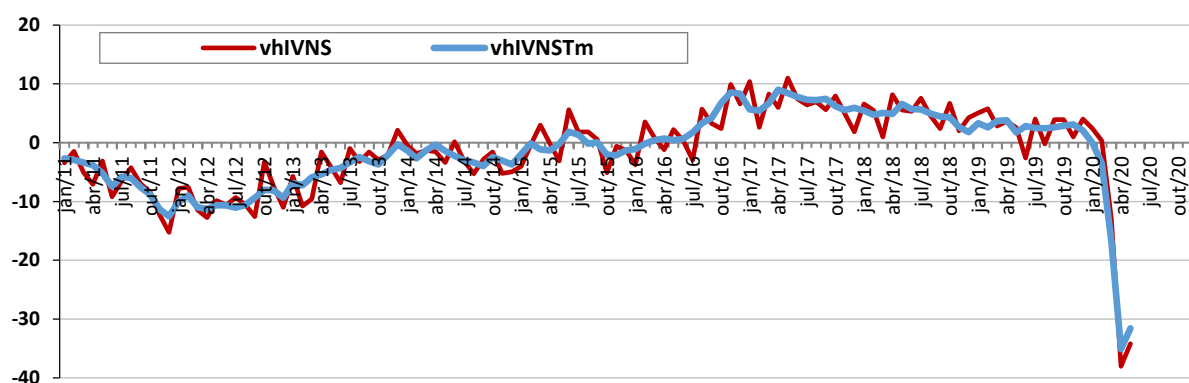
Gráfico 4 | Variação homóloga do consumo de cimento



4. VOLUME DE NEGÓCIOS NOS SERVIÇOS

Em **maio**, no mês em que se iniciou o desconfinamento, o Índice de Volume de Negócios nos Serviços (série nominal) teve uma variação homóloga de -34,2% (-38% em abril; série vHIVNS, gráfico 5, dados brutos), com -73,2% na secção do alojamento e restauração e -7,3% na secção das atividades de informação e comunicação. As respostas ao inquérito de conjuntura do INE indicam melhorias em **junho e julho**: mais lentas que noutros setores em termos de atividade, mais expressivas em termos de volume de vendas atual (bastante menos negativas) e de procura para os próximos 3 meses (positivas). No geral, este é um setor muito diversificado com segmentos cuja atividade foi mais afetada e em que a recuperação será mais lenta.

Gráfico 5 | Variação homóloga do volume de negócios nos serviços

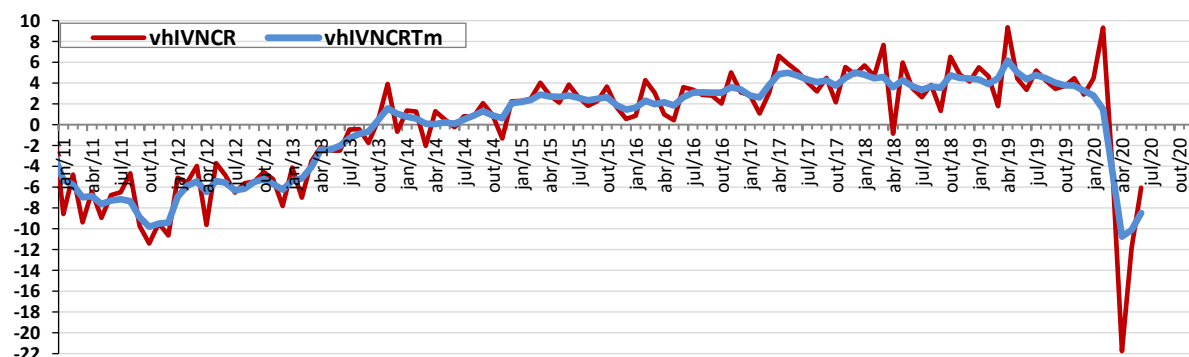


No sector do **alojamento turístico**, segundo o destaque Atividade Turística (INE), os Proveitos Totais diminuíram, em termos homólogos, 98,5% em abril e 97,2% em maio.

5. VOLUME DE NEGÓCIOS NO COMÉRCIO A RETALHO

Em **junho** o Índice de Volume de Negócios no Comércio a Retalho registou uma variação homóloga de -6,1% (-11,9% em maio; gráfico 6, valores brutos **deflacionados**), com -3,6% nos *produtos alimentares* e -8,1% nos *não alimentares*. A queda de abril (variação de -21,8%) reduziu-se a cerca de um quarto e uma fração desta queda poderá ser atribuída à queda das compras de não residentes (turistas). No 2º trimestre a variação homóloga foi de -13,1%, com -1,9% nos *produtos alimentares* e -22,2% nos *não alimentares*.

Gráfico 6 | Variação homóloga do volume de negócios no comércio a retalho

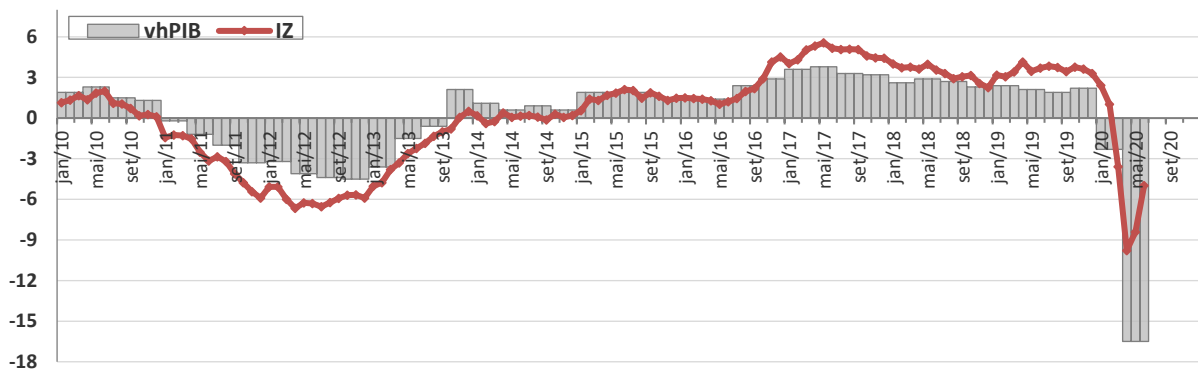


As vendas de automóveis ligeiros de passageiros decresceram 87% em abril, 74,7% em maio e 56,2% em junho, ou seja, -71,7% no 2º trimestre.

6. EVOLUÇÃO DO INDICADOR DE TENDÊNCIA

O habitual indicador de tendência da atividade global (IZ), que se pode ver no gráfico 7 atualizado a junho – um resultado preliminar que ainda não incorpora os valores reais de um dos seus indicadores componentes (volume de negócios nos serviços) - evidencia a queda abrupta da atividade em abril e uma posterior recuperação parcial em maio e junho. Tudo isso correspondeu, segundo a estimativa rápida do INE, a uma queda homóloga de 16,5%, cujo maior contributo veio da Procura Interna (PI) mesmo se o contributo da Procura Externa Líquida (PEL) foi igualmente negativo devido à queda das Exportações turísticas³. Assim, juntamente com a variação homóloga de -2,3% no 1º trimestre, o primeiro semestre concluiu com uma queda homóloga de 9,4%.

Gráfico 7 | Variações homólogas do PIB e do indicador provisório de tendência IZ



Dada a origem da queda da economia no 2º trimestre, determinada pelo confinamento e encerramento de atividades em Portugal e no exterior, a economia recomeçará naturalmente a crescer trimestralmente, mas não tão cedo em termos homólogos, com a reabertura de atividades e a progressiva retoma das redes de interdependência económica setoriais nacionais e internacionais. Isto mesmo é indiciado pela evolução dos indicadores qualitativos ou do consumo de eletricidade em julho. Contudo, porque o problema sanitário ainda não está resolvido e o seu controlo envolve perdas de produtividade, porque, entretanto, as restrições de atividade geraram problemas de rendimento e de enfraquecimento da procura e porque a confiança dos consumidores, sobretudo, permanece baixa, o ritmo desta retoma poderá não ser tão rápido quanto o desejável. E a economia portuguesa será ainda penalizada, apesar da queda da PI, por um contributo negativo da PEL no corrente ano, devido à incerteza da retoma da procura turística externa e à quebra nas exportações turísticas. Será ainda de esperar, mesmo com políticas contrárias, que as consequências sociais negativas da crise económica, nomeadamente em termos de emprego e de falências, se venham a agravar por alguns meses.

Pese embora o provável agravamento das consequências sociais da crise, em termos do PIB o crescimento em cadeia deverá instalar-se. Assim, para 2020, dado o resultado da primeira metade do ano e a progressiva retoma da maioria das atividades face às maiores restrições de abril e maio, estima-se como mais provável que a variação final do PIB se venha a situar entre -10% a -8%. Este resultado pressupõe que a crise sanitária não irá evoluir de forma substancialmente mais negativa até ao final do corrente ano.

Elaborado com informação disponível até 31 de julho.

³ Aparentemente, os países onde o turismo tem mais peso estrutural no PIB são os que registam quedas do PIB mais elevadas e os que poderão ter recuperações mais lentas.